

ORIGENS: A CRIAÇÃO DO GRUPO AFRO-INDÍGENA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL UMBANDAUM

Jessica Pereira¹

RESUMO: Este artigo objetiva compreender o processo de surgimento e constituição do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum enquanto um movimento político-cultural da cidade de Caravelas-BA, por meio das principais produções teóricas sobre o grupo. O percurso metodológico adotado foi a análise da produção bibliográfica sobre o tema e de informações coletadas no campo da pesquisa. Tais procedimentos possibilitaram construir um breve histórico do nascimento e desenvolvimento do grupo entre os anos 1988 e 1989. Logo, o surgimento do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, no dia 13 de maio de 1988, insere-se dentro de inúmeras ações de repúdio ao centenário da abolição realizadas pelos movimentos negros contemporâneos brasileiros em todo o país.

Palavras-chave: Umbandaum; Origens; Caravelas-BA; Abolição.

ORIGINS: THE CREATION OF THE UMBANDAUM AFRO-INDIGENOUS CULTURAL ANTHROPOLOGY GROUP

ABSTRACT: This article aims to understand the process of emergence and constitution of the Umbandaum Afro-Indigenous Cultural Anthropology Group as a political-cultural movement in the city of Caravelas-BA, through the main theoretical productions about the group. The methodological approach used was the analysis of the bibliographic production on the subject and the information collected on the research field. These procedures made it possible to build a brief history of the birth and development of the group between the years of 1988 and 1989. Thus, the emergence of the Afro-indigenous Group of Cultural Anthropology Umbandaum, on May 13th, 1988, is part of numerous actions to repudiate the centenary of abolition conducted by contemporary Brazilian black movements throughout the country.

Keywords: Umbandaum; Origins; Caravelas-BA; Abolition.

Introdução

Em 13 de maio de 1988, na cidade de Caravelas – BA, reuniam-se os grupos de Teatro de rua *Avesso em Cena* e de capoeira de rua *Pé no Ar* para fazer um manifesto repudiando as comemorações do centenário da abolição. Após a intervenção dos grupos, houve uma ação no terreiro de Dona Neusa, originando-se assim o Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, situado na cidade de Caravelas-BA (MELLO, 2003).

Essa cidade está localizada a 36 milhas náuticas do Arquipélago dos Abrolhos, localizado no Oceano Atlântico, e a 884 quilômetros da capital Salvador, compondo o território

¹ Jessica Silva Pereira - Doutoranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia (2019). Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (2017). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-DS). Tem desenvolvido pesquisa nos seguintes temas: Educação, narrativas de mulheres negras, corpo-negro, movimentos culturais afro-indígenas no século XX. Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI - IF-Baiano).

VARIA

de identidade do Extremo Sul da Bahia. Foi em 1503, que Caravelas² foi “descoberta” (MELLO, 2003, p. 17; PINHEIRO, 2018, p. 11). A divisão territorial brasileira em capitânias hereditárias tornou as terras que hoje correspondem a Caravelas em uma possessão da Capitania de Porto Seguro, em 1534. Somente em 1700, D. João de Lencastre elevou o povoado a categoria de vila (Vila de Santo Antônio do Rio Caravelas) (PINHEIRO, 2018; MELLO, 2003).

A cidade possui uma narrativa rica na qual demarca a sua presença na História do Brasil desde o início do século XVI, destacando-se pela sua relevância “econômica, eclesiástica e política até o início do século XX” (MIRANDA, 2014, p. 15). Alguns estudiosos apontam para sua relevância no cenário econômico baiano através de diversos ciclos, dentre eles: a exploração de madeira de lei; o cultivo de mandioca e a produção de farinha; a extração do óleo de baleia no século XVIII; a escoação do café da Fazenda Leopoldina no século XIX; e a Estrada de Ferro Bahia Minas no século XIX (PINHEIRO, 2018; MIRANDA, 2014; CARMO, 2010; MELLO, 2003).

O apogeu da cidade fica evidente no processo de urbanização e principalmente na presença dos casarões no centro Histórico. Atualmente, a cidade se destaca pela presença do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, que possui alta atividade turística durante o período de observação das baleias jubartes; das ONGs e instituições de conservação ambiental; e por fim, mas não menos importante, pelos festejos de carnaval. A festa de Carnaval de Caravelas conta com a presença forte dos trios elétricos, das escolas de samba, das marchinhas, dos blocos de índio e dos blocos afros. Neste, destaca-se a presença do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum.

Desta forma, apresentam-se neste artigo os apontamentos iniciais de uma pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender o processo de surgimento e constituição do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, por meio das principais produções teóricas sobre o grupo enquanto um movimento artístico-cultural de Caravelas-BA.

Nessa pesquisa, fez-se uso da revisão de literatura como procedimento teórico-metodológico a fim de investigar as diferentes narrativas sobre o surgimento e a constituição do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum enquanto um movimento

² “O seu nome deve-se ao fato de várias caravelas, no período colonial, navegarem pelo braço de mar que banha a cidade” (MIRANDA, Madson Paranaguá. *O “peixe real” e a sua sentença de morte: a pesca de baleias na Vila de Caravelas (1750-1801)*. Monografia (Licenciatura em História), UNEB, Teixeira de Freitas-BA, 2014, p. 15).

artístico-político-cultural da cidade de Caravelas, no Extremo Sul da Bahia. Além da revisão de literatura, para realização dessa pesquisa, foi feito o uso dos registros do caderno de campo com o intuito de preencher pequenas lacunas que surgiram no decorrer da construção desse artigo.

Em síntese, destacaremos a origem e constituição do Umbandaum³, além de destacar o manifesto de repúdio ao centenário da abolição enquanto uma ação histórica como parte integrante das ações do movimento negro contemporâneo no ano 1988.

Origens: Umbandaum

Foi no território efervescente do Extremo Sul baiano que um grupo de jovens (homens e mulheres) da periferia de Caravelas (avenida), integrantes do grupo de capoeira de rua *Pé no Ar* – 1985 e do grupo de teatro de rua *Averso em Cena* - 1982, reuniram-se. Inconformados com os resquícios do conservadorismo, da exclusão social/racial e de gênero presentes na cidade, juntaram forças em prol de um objetivo em comum: contestar em praça pública as comemorações dos cem anos de “abolição” da escravatura que ocorria dentro dos festejos de São Benedito, financiadas por políticos locais, denominados de direita (SILVA, 2019).

Dentre os jovens estavam Itamar dos Anjos⁴, Jaco Galdino⁵ e Simone dos Anjos⁶, que integravam o grupo de teatro de rua *Averso em Cena* - 1982, responsáveis por provocar o protesto de 13 de maio de 1988, na cidade de Caravelas-BA. A rua não era um espaço novo para Itamar dos Anjos, Simone dos Anjos e Jaco Galdino, afinal, os três participavam do grupo de teatro de rua *Averso em Cena*. Quando souberam do festejo de São Benedito para o qual os políticos locais tinham financiado camisetas estampadas com a frase “Viva os cem anos da Abolição”, os então jovens sentiram-se provocados. Nesse interim, mobilizaram as pessoas que faziam parte do grupo de capoeira *Pé no Ar* – Dó, Catraca, João Cadeira, João de Alfranor,

³ A partir desse momento estaremos nos referindo ao Grupo Afro-Indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, utilizando apenas a nomenclatura Umbandaum.

⁴ Membro fundador do Grupo Afro-Indígena de Antropologia Cultural Umbandaum que atualmente integra o Movimento Cultural Arte Manha. Graduado em Pedagogia pela UNOPAR – (Universidade do Oeste do Paraná), Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (Universidade Federal do Sul da Bahia), escritor, pintor, bailarino, cineasta, Mestre da cultura popular com o tema “Arte da fala, expressão e plasticidade de um Mestre!” contemplado pelo Edital Culturas Populares – Edição Selma do Coco, da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC), na categoria pessoa física -Região Nordeste.

⁵ Membro fundador do Grupo Afri-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, que atualmente integra o Movimento Cultural Arte Manha. Poeta e compositor, cineasta independente e produtor cultural do Sul e Extremo Sul baiano.

⁶ Membro fundadora e integrante do Grupo Afro-Indígena de Antropologia Cultural Umbandaum. Mulher afro-indígena, que possui quarenta e sete anos, cishétero, esposa, mãe, filha de Iansã, natural da cidade de Caravelas-BA, dançarina e compositora do Umbandaum. E também agente de saúde da cidade de Caravelas-BA.

VARIA

Domingo, Nelson e Tonga – a invadir as festividades empunhando uma faixa de protesto que eles mesmos improvisaram no dia 13 de maio de 1988, com os dizeres: “Cem anos da falsa abolição”.

Conforme informações dispostas no caderno de campo, não houve reunião para articulação da manifestação. Apenas encontraram-se para pintar a faixa “cem anos da falsa abolição”. As pesquisas indicaram que o momento ocorreu horas antes de saírem para avenida. Enquanto alguns pintavam a faixa, outros faziam trancinhas e cortavam os cabelos, colocaram os acessórios e vestiram lençóis para irem ao manifesto.

O grupo saiu atrás das pessoas que comemoravam os “cem anos da abolição”, a ausência de fotografias dos jovens saindo nesse dia é um fato marcante nas narrativas de origem que conhecemos. Para o grupo, a inexistência de registros fotográficos dessa ação sugere aspectos sociais sobre a condição de classe e raça muito bem demarcada na cidade de Caravelas. A falta de poder aquisitivo para adquirirem equipamentos ou pagarem pelo registro fotográfico daquele momento era uma realidade, bem como foi uma escolha das pessoas que possuíam câmeras fotográficas não registrarem a presença dos jovens na manifestação. Uma vez que estavam fazendo oposição às forças políticas locais, além de fazerem parte de um grupo social que ocupava o espectro da subalternidade na cidade.

Esse fato se concretiza como uma das primeiras ações do que mais tarde se configurou enquanto o Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum. Compreende-se assim que a união dos e das jovens que faziam parte do grupo de Teatro *Avesso em Cena – 1982* (Jaco Galdino, Itamar dos Anjos e Simone dos Anjos), do grupo de *Capoeira Pé no Ar - 1985* (Dó, Catraca, João Cadeira, João de Alfronor, Domingo, Nelson e Tonga) e das jovens Nívia Maria e Lucilene Conceição deu origem ao que entende-se hoje como Umbandaum.

Segundo a bibliografia consultada sobre o grupo, uma das sementes que geraram o Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum foi a contestação às comemorações do centenário da abolição nas ruas de Caravelas, sendo seu “ventre” uma performance no terreiro de Dona Neusa (ALVES, 2007). Visto que as narrativas apresentadas por Jaqueline Alves (2007) informam que, após o protesto, as pessoas que estavam no manifesto⁷ por acaso passaram no terreiro de Dona Neusa⁸, onde ocorria uma manifestação religiosa de Preto Velho. Os jovens aproveitaram o momento oportuno e pediram licença para fazerem uma intervenção artística improvisando o “Navio Negroiro”, baseado na obra de

⁷ Dó Galdino, Catraca, João Cadeira, João de Alfronor, Domingo, Nelson e Tonga, Itamar dos Anjos, Jaco Galdino, Simone dos Anjos, Nívia Maria, Lucilene Conceição.

⁸ Líder religiosa do Terreiro;

VARIA

Castro Alves. Para a felicidade dos mesmos, as pessoas que estavam frequentando o terreiro os aplaudiram. A partir daquele momento entenderam a importância de continuarem as ações, dando cabo a ideia de constituírem um “grupo afro”.

Diante do exposto, seria apenas coincidência dezenas de jovens negros saírem às ruas de uma cidade do interior do estado da Bahia para contestar as comemorações dos “cem anos da abolição”? Em primeiro lugar, considera-se que o centenário da abolição, em 1988, teve inúmeras proposições de comemorações em diferentes regiões do país que foram fortemente combatidas por muitos militantes (PEREIRA, 2010). Tal fato abriu precedentes para que se entenda o surgimento do Umbandaum em Caravelas como uma das inúmeras ações e empreendimentos do que se entende por Movimento Negro Contemporâneo, na atualidade. Tais iniciativas organizavam-se em um processo de disputa pela memória da escravatura, demarcando o 13 de maio como uma data que precisava, a partir daquele momento, ser denunciada pela ótica das questões sócio-históricas, em contexto nacional e local (PEREIRA, 2010).

Esse fato em Caravelas permite ainda fazer analogia ao pensamento do autor Abdias do Nascimento (2016), que entendeu a abolição da escravatura como um crime que atirou os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, desobrigando “os senhores, o Estado e a igreja” de repará-los das consequências do processo de escravização (NASCIMENTO, 2016, p. 79). Afinal, as reivindicações dos jovens caravelenses integravam-se à luta do Movimento Negro da segunda metade do século XX; uma época de efervescência sociopolítica. E, *fiões* dessa memória se encontram em diversos pontos da História nacional e local.

Em princípio, o Movimento Negro Contemporâneo se constituiu na década de 1970, pois os inúmeros processos históricos que se desenrolavam naquela década apresentaram a necessidade de se construir referências de identidade histórica e política. Imediatamente, o 13 de maio passou a ser uma data contestada em diversas regiões do país, em oposição à ascensão do 20 de novembro, que buscou reinventar o passado por meio da construção de uma nova narrativa sobre a História do Negro no Brasil (PEREIRA, 2010).

Para tanto, foi necessário desmistificar o caráter não científico e mitológico da noção de raça⁹; denunciar o racismo como estruturante na sociedade brasileira, desmascarando o

⁹ Assim —a existência das raças consiste na afirmação da existência de grupos humanos cujos membros possuem características físicas comuns! (Ver SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A INVENÇÃO DO “SER NEGRO”*: Um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p.46).

A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. (Ver ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, p.19).

VARIA

“mito da democracia racial”; e pautar a necessidade de políticas públicas com recorte racial para pensar uma sociedade brasileira equitativa. Lélia Gonzalez (2020) entende o racismo como uma construção ideológica e um conjunto de práticas que reforça e estrutura as relações de poder. Lélia Gonzalez (2020) ainda reitera que as sociedades de origem latina vivenciam o “racismo disfarçado” ou, como a própria autora define, o *racismo por denegação*. “Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo ‘à brasileira’ se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira) (GONZALEZ, 2020, p. 115)”.

Faz-se necessário apresentar a amplitude do que se entende por Movimento Negro Organizado. Amílcar Pereira define “o movimento negro organizado como um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial” (PEREIRA, 2010, p. 81). Com relação à estruturação, ele o entende como “complexa e [que] engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais” (PEREIRA, 2010, p. 81). A autora Nilma Lino Gomes, em seu livro *O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*, o define como “um ator coletivo e político, constituído por um conjunto variado de grupos e entidades políticas (e também culturais) distribuídos nas cinco regiões do país” (GOMES, 2017, p. 27). Entende-se o conceito de cultura aqui apresentado pelo autor Clifford Geertz (2008, p. 66), que a define como um “padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.

As pessoas que participaram da manifestação compreenderam a profundidade da provocação ali levantada, o que colaborou para que mais tarde cada um deles fundasse um movimento artístico-cultural e político no município de Caravelas-BA (MELLO, 2003; ALVES, 2007; SILVA, 2019). Como consequência, após o dia histórico de 13 de maio de 1988, ocorreram inúmeros encontros entre os jovens participantes do manifesto nos meses seguintes. O objetivo dessas reuniões era articular ações, como oficinas, laboratórios de arte, construção de acessórios, confraternizações etc.

Em meio aos encontros, surgiu a nomeação do grupo enquanto Umbandaum. Esse nome foi inspirado nas canções de Gilberto Gil, em especial na música *Banda Um*, do CD *Um Banda*

VARIA

Um de 1982. Naquela década, Gilberto Gil era o artista baiano que apresentava traços da sua atuação política na sua carreira artística, o que ficou impresso na sua musicalidade o gerou identificação com a proposta do coletivo que estava se formando. Afinal, apresentava em grande medida as bandeiras e colocava em destaque aspectos da cultura afrobaiana. Em meio as reuniões, os integrantes do recém-nascido coletivo discutiram e decidiram que Umbandaum seria o nome do grupo, homenageando Gilberto Gil.

Em 2 de fevereiro de 1989, houve uma intervenção na saída de um cortejo de Iemanjá com uma sereia afro-indígena, em uma tentativa de provocar novamente a sociedade caravelense. Nessa época, o grupo que se intitulava Umbandaum, redefiniu-se como Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum. Em 04 de fevereiro de 1989, um sábado de carnaval, ocorreu o primeiro desfile do bloco carnavalesco Umbandaum, evento que marcou e consolidou o surgimento do grupo na cena carnavalesca de Caravelas-BA.

Pode-se considerar então que *Origens* foi o primeiro tema do bloco de carnaval. Esse tema tinha como principal objetivo levar para às ruas a interpretação do coletivo sobre as inúmeras origens que antecederam o Umbandaum e, de certa forma, possibilitaram o seu nascimento. *Origens* retratou as origens do homem em África, do fogo, da civilização afro-brasileira através do candomblé e das religiões de matriz africana, e a origem dos quilombos. Dessa forma, foram refletidos, nas alas do bloco carnavalesco, todos os processos que deram *origem* ao Umbandaum em Caravelas – BA.

O desfile do Umbandaum traduz, por outro lado, uma forma de expressão artístico-política da história. Através das alegorias, figurinos, pinturas e expressões corporais, os componentes do bloco não apenas dramatizam, mas incorporam de forma sincrônica uma versão plástica da história, diferente da história escrita dos historiadores locais. O desfile do bloco informa e documenta para um público muito diversificado a memória dos grupos afroindígenas e a história de sofrimento e resistência dos negros e índios no Brasil, elementos muito pouco enfatizados na história dos historiadores (MELLO, 2003, p. 32).

A performance do Umbandaum na avenida é muito marcante tanto para quem participa do bloco, como para quem assiste ao desfile na avenida. É um convite à reflexão de temas que atravessam a identidade afro-indígena do grupo. A construção musical e teatral se torna uma simbiose com os movimentos corporais da dança executados por cada corpo. Além disso, os figurinos ajudam a contar a História e trazem muitas nuances de fragmentos de memória que são emprestados à cena.

VARIA

O grupo Umbandaum tem desenvolvido processos artísticos que tem como base *O teatro do Oprimido* de Augusto Boal, o *Teatro Experimental do Negro* de Abdias Nascimento, além das referências ancestrais e espirituais das religiões de matriz africana e dos encantados dos povos indígenas. Além disso, bebem dos traços locais, buscando falar da fauna e flora locais numa perspectiva de entrecruzamento entre arte e educação, representado sobremaneira nas letras das músicas autorais assim como nos figurinos que são pensados e elaborados pelos integrantes do grupo.

Deste modo, o coletivo possui como base “uma metodologia que se organiza a partir de conhecimentos de suas raízes identitárias, e nos processos do próprio de construção das expressões artísticas e demais movimentos de fomento de culturas e de formação política” (SILVA, 2019, p. 08). Se é possível pensarmos na marca do grupo, este, enquanto ator político, “trouxe para si a responsabilidade da afirmação de identidades negra e indígena, buscando os valores étnicos-raciais na história, sociedade, na política, utilizando-se de linguagens, como da dança, literatura, teatro, música e artes plásticas” (SILVA, 2019, p. 12).

É importante destacar ainda a musicalidade baiana de temáticas negras – que possuem como percursos grupos culturais como Olodum, Ilê Ayê, Muzenza, Filhos de Gandhi – está muito bem incorporada às práticas culturais do Umbandaum. Nas interpretações performáticas, a atuação corporal apresenta, na sua gestualidade, uma afirmação e resistência identitária ao sobressalto de emoção que o corpo reflete a cada ato.

Umbandaum: A consolidação de um Movimento político-cultural em Caravelas-BA

É possível afirmarmos que o Grupo Afro-Indígena de Antropologia Cultural se consolidou como um movimento político-cultural em 1989, com a saída do grupo no carnaval de Caravelas com o bloco carnavalesco na avenida. A antropóloga Cecilia Mello (2003) afirma que o movimento cultural surgiu através de:

Uma interseção singular de diferentes processos sociais que vinham ocorrendo de maneira mais ou menos independente: os grupos jovens da Pastoral da Juventude da Igreja Católica; a fundação do Partido dos Trabalhadores; o processo de redemocratização política do país; a re-africanização do carnaval de Salvador; a visibilidade local de grupos e indivíduos adeptos de um estilo de vida alternativo ou contracultural, e também de artistas e andarilhos que passaram pela cidade, transmitindo novos saberes e técnicas para os jovens do movimento (MELLO, 2003, p. 34).

VARIA

Entendemos que essas intersecções apresentadas pela pesquisadora são pontos importantes para analisarmos futuramente, pois isso colaborará para a compreensão do contexto histórico, político e cultural que gesta o coletivo. A partir desses pressupostos, o surgimento do Umbandaum tem papel importante, pois esses jovens apresentaram uma proposta para a interiorização de pautas políticas que estavam postas com maior expressividade em algumas capitais do país.

É importante evidenciar outro aspecto que está correlacionado à fundação do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum: a reafrikanização do carnaval de Salvador com o surgimento dos blocos afros baianos. Neste sentido, conferimos ao Ilê Ayê a relevância de primeiro bloco afro do Brasil, com seu nascimento no cenário carnavalesco em meados da década de 1970. Este bloco buscou e busca valorizar a cultura afro-brasileira e a afirmação da beleza da estética negra. Este fato colaborou para que mais tarde surgissem outros blocos afros como Olodum, Ara Ketu, Filhos de Gandhi, Timbalada e, por que não, o Umbandaum? Os blocos afros baianos situam-se em um espaço de subversão à ordem colonial que há séculos subjuga as diversas manifestações negras culturais e religiosas, ao mesmo tempo em que a indústria cultural, baseada em moldes coloniais, apropria-se dessas manifestações e frequentemente esvazia seu significado e importância para os grupos que as protagonizam (OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

É imprescindível destacarmos em que no carnaval brasileiro “o mito que se trata de reencenar aqui é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica.” (GONZALEZ, 2020, p. 71).

O carnaval baiano é um lugar de racismo institucionalizado “porque têm suas ações sistematizadas na discriminação de pessoas negras, seja quando são as menos privilegiadas em poder financeiro para usufruir da festa como forma de entretenimento” (OLIVEIRA; SANTOS, 2020, p. 300). Nesse sentido, as pessoas negras foram contramão da estrutura imposta na sociedade brasileira e sobretudo, pensando em uma chave de leitura das novas dinâmicas de um movimento afrobaiano, a reafrikanização é a subversão desse racismo.

Por conseguinte, é importante pensar que o coletivo Umbandaum insurgiu e se consolidou em Caravelas-BA como um território livre. Para pensarmos o conceito de território, Rogério Haesbaert (2004) define que,

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo –

VARIA

especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 01).

Dentro dessa perspectiva estamos falando de território livre enquanto poder, pensando no sentido mais simbólico de apropriação, de conquista; em que esses sujeitos e sujeitas que integram o Umbandaum construíram uma identificação positiva e efetiva para se apropriarem de alguns espaços da cidade que não lhes eram comuns¹⁰. Enfim, a arte aparece como um caminho para expressar sentimentos e experiências enquanto pessoas racializadas e políticas.

Algumas Considerações

É possível afirmar que o surgimento do Umbandaum ocorreu em 13 de maio de 1988, quando os jovens Dó Galdino, Catraca, João Cadeira, João de Alfranor, Domingo, Nelson, Tonga, Itamar dos Anjos, Jaco Galdino, Simone dos Anjos, Nivia Maria e Lucilene Conceição resolveram se unir em protesto às comemorações do centenário da abolição. Afinal, para os jovens que empunharam a faixa “cem anos da falsa abolição”, o 13 de maio jamais representara uma data revolucionária. O manifesto de repúdio uniu os jovens e a performance do poema Navio Negreiro de Castro Alves, no terreiro de Dona Neusa, deu lastro para fundação do grupo afro, que mais tarde se sagrou como Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum.

O Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum se insere como participante das atividades do Movimento Negro Contemporâneo, segundo o que propõe Amílcar Pereira (2010) e Nilma Lino Gomes (2017). O coletivo se configura como agente social e político na sociedade caravelense há 33 anos, proporcionando às inúmeras minorias majoritárias um trabalho de educação como cultura.

Para tanto, o Umbandaum atualmente é reconhecido por teóricos, como Mello (2003) (2014), Alves (2007), Silva (2019) e mais recente por Ferreira e Carvalho (2021) e Santana (2021), como um movimento artístico político-cultural que desenvolve inúmeros trabalhos de arte-educação com recorte identitário, político, ancestral e ambiental. Em sua atuação ao longo

¹⁰ Demonstrar que existe um território negro específico nessas cidades, território que tem uma História, uma tradição. (Ver ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41, 1989.)

VARIA

desses 33 anos, tem-se demonstrado o impacto cultural na cidade de Caravelas-BA e na região do Extremo Sul baiano, uma vez que sua atuação extrapolou a cidade de origem.

Por fim, essa pesquisa trouxe um breve histórico sobre o surgimento e consolidação do grupo Umbandaum, que se desdobrou em algumas lacunas as quais pretende-se trabalhar dentro da tese de doutoramento. É sabido que em nenhum momento existiu aqui o objetivo de acertar todas as arestas sobre as narrativas de fundação do grupo, afinal trata-se de uma pesquisa que está no seu início e como tal possui suas limitações. Portanto, é importante que outros estudos ocorram para pensar as lacunas levantadas a partir desse estudo.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Jaqueline. “*Patrimônio Cultural Imaterial: O que se viu, o que se vê... O que haverá em Caravelas – BA – Ensaio com o Grupo de Antropologia Cultural Afroindígena Umbandaum.* (monografia). Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2007.

CARMO, Alane Fraga. *Colonização e escravidão na Bahia: a Colônia Leopoldina, 1850-1888.* Dissertação, UFBA - Salvador, 2010.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade; CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. A festa de Iemanjá, “Rainha dos Mares”: teias de interações afroindígenas na zona de contato. In: *Linguagem em Revista: Religião, Língua e Literatura.* Ano 15. N. 29. Niterói (RJ): Filologia, 2019 pp. 1-22. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista>. Acesso em 30/04/2021

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos /* organização Flavia Rios , Márcia Lima.. — 1a ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2020.

HAESBAERT, Rogério. *Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade.* Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, 2004.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. Narrativas e significados do 13 de maio e o 20 de novembro para a História do Brasil. In: *O Movimento Negro Brasileiro: Escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil/* Amauri Mendes Pereira; Joselina da Silva (organizadores). Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

VARIA

MELLO, Cecília Campello do Amaral. *Obras de arte e conceitos: cultura e antropologia do ponto de vista de um grupo afro-indígena do sul da Bahia/ Cecília Campello do Amaral Mello*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS, 2003.

_____. Devir-afroindígena: “então vamos fazer o que a gente é”. IN: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 23, p. 223-239, 2014.

MIRANDA, Madson Paranaguá. *O “peixe real” e a sua sentença de morte: a pesca de baleias na Vila de Caravelas (1750-1801)*. Monografia (Licenciatura em História), UNEB, Teixeira de Freitas-BA, 2014.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado/Abdias Nascimento*. 1º ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Juscielle Conceição Almeida de; SANTOS, Simone de Jesus Santos. Negros saberes em festa: Ilê Aiyê e Olodum e suas transformações. IN: *Extraprensa*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 295 – 312, jul./dez. 2020.

PAULA, Juliana Araújo de. Bloco Afro Ilê-Aiyê: Uma História de Luta Antirracista. IN: *Caminhos da História*, v, 26, n1 (jan./jun. 2021).

PEREIRA, Amilcar Araújo. *“O Mundo Negro”*: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, 2010.

PINHEIRO, Sarah Quimba. *As Sesmarias na Vila de Santo Antonio do Rio das Caravelas no Século XVII*. Monografia (Licenciatura em História), UNEB, Teixeira de Freitas-BA, 2018.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. IN: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41, 1989

SANTANA, Carla Silva de. *Entre Encantados, Poéticas Populares e Pautas Ambientais: As práticas educativas do Umbandaum no espetáculo “Cantos e Encantos do Mar”, Caravelas (BA)*. Teixeira de Freitas-BA, 2021.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A Invenção do “Ser Negro”*: Um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. – São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Itamar dos Anjos. *Relações Étnico-raciais, Linguagens e Culturas: Estudo das práticas socioeducativas do Umbandaum na construção de identidades étnico-culturais em Caravelas – BA (1988 – 2019)*. Teixeira de Freitas, Universidade Federal do Sul da Bahia, 2019.